



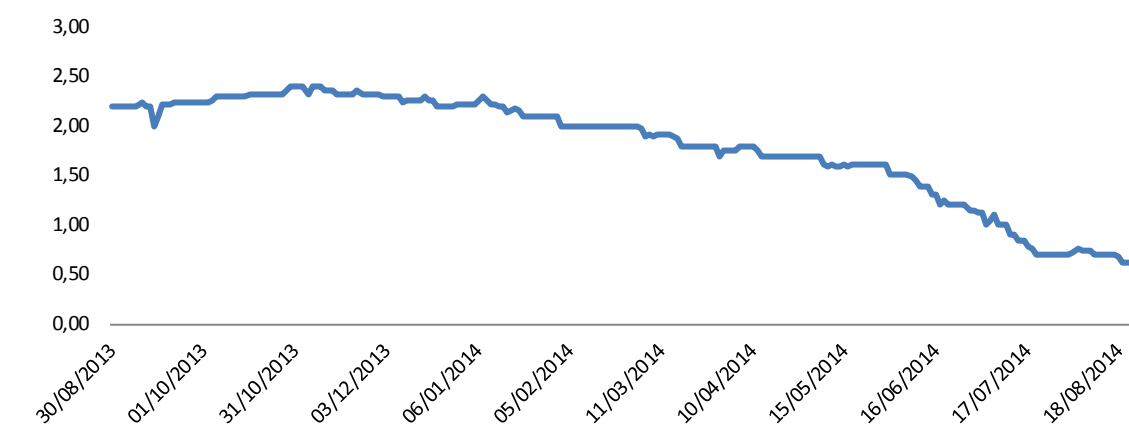
BOLETIM Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

*Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Lucas Mariani Argentieri*

A divulgação do PIB no último dia 29 de agosto mostrou, novamente, uma queda da previsão do PIB. Como podemos ver na Figura 1, as previsões do mercado para o crescimento do PIB em 2014 vem se deteriorando de forma quase que constante desde o final de 2013.

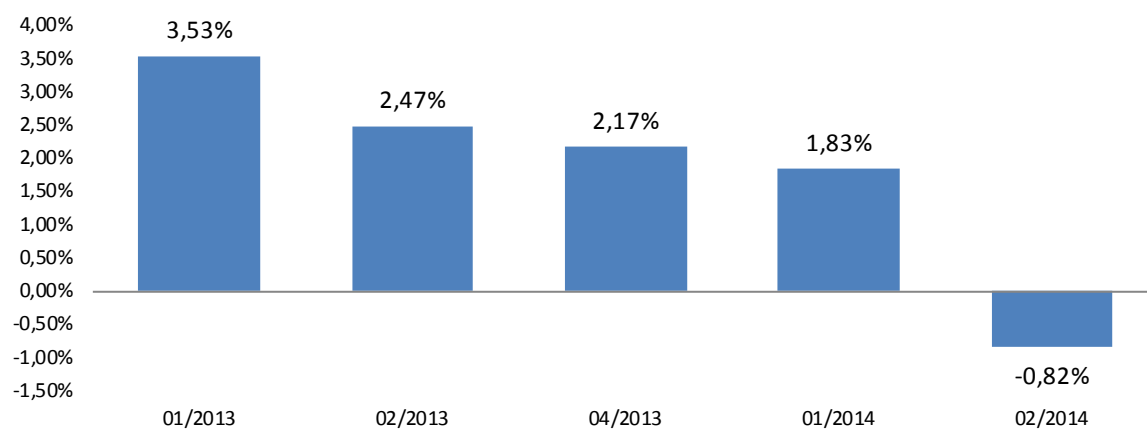
Figura 1 - Expectativa de crescimento do PIB (final de 2014)



Fonte: Boletim Focus/BCB

A economia brasileira passa por um momento de recessão técnica depois do resultado do semestre anterior que indicava um crescimento fraco, porém positivo, como podemos ver na Figura 2 (série dessazonalizada):

Figura 2 - Crescimento do PIB (T/T-1)



Fonte: IBGE



BOLETIM Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

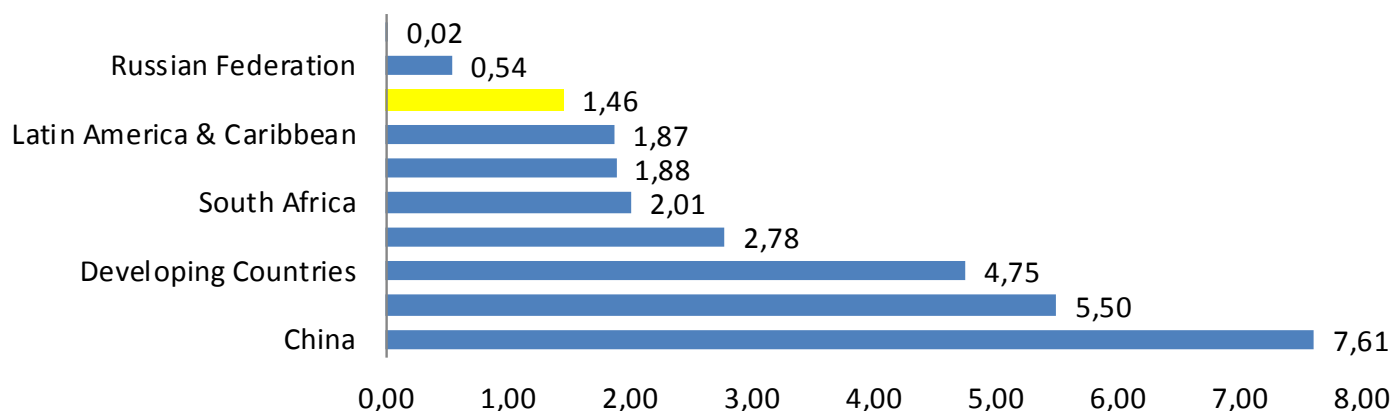
*Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Lucas Mariani Argentieri*

Quando olhamos para as previsões do Banco Mundial para alguns países selecionados, vemos que o Brasil hoje deve crescer menos que os países desenvolvidos, em desenvolvimento, que os da América Latina e dos BRICS, excetuando-se a Rússia (Figura 3). Além disso, vemos que um dos principais parceiros comerciais

(Argentina) passa por dificuldades econômicas, reduzindo a demanda por nossos produtos, assim com a China que vem passando por um processo de desaceleração do crescimento.

Figura 3 - Previsão de Crescimento do PIB

(Banco Mundial)



Fonte: Banco Mundial

Parte do resultado ruim apresentado pelo PIB, segundo alguns analistas, vem das férias coletivas que foram dadas a funcionários durante a Copa do Mundo. Mas a produção industrial

no país vem se retraindo de forma contínua nos últimos dois anos. Os resultados do PIB por categorias do Sistema de Contas Nacionais (setores e ótica da demanda) podem ser visualizados na Tabela 1.



BOLETIM Conjuntura Econômica

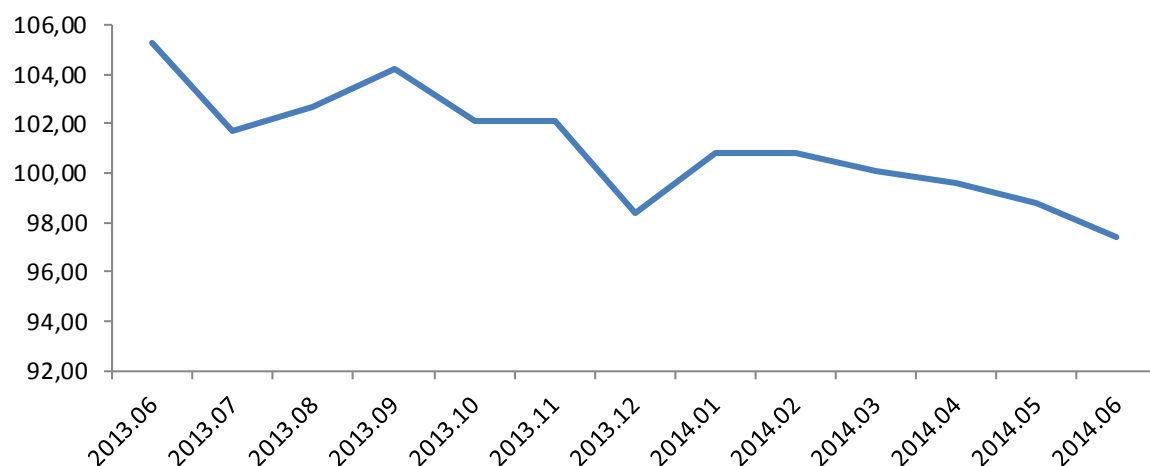
Ribeirão Preto/SP*Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Lucas Mariani Argentieri***Tabela 1 – PIB por setores e pela ótica da demanda**

	2º trim/14 – 2º trim/13	2º trim/14 – 1º trim/14
PIB	-0.8%	-0.6%
Agricultura	-0.8%	0.2%
Indústria	-3.3%	-1.5%
Serviços	0.2%	-0.5%
Consumo das Famílias	1.6%	0.3%
Formação Bruta de Capital Fixo	-11.2%	-5.3%
Exportações	1.7%	2.8%
Importações	-2.5%	-2.1%

Fonte: Sistema de Contas Nacionais/IBGE

Oferta

O resultado do PIB da indústria mostrou uma queda no segundo trimestre de 2014 de 3,3% se comparado com o mesmo trimestre do ano anterior e de 1,5% em relação ao primeiro trimestre de 2014. A produção industrial no mês de junho caiu 1,4% em relação ao mês anterior, o que parece estar mantendo a tendência de queda para o setor. A evolução recente do PIB da indústria pode ser visualizada na Figura 4.

Figura 4 - Produção Industrial (2012=100)

Fonte: IBGE



BOLETIM Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP*Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Lucas Mariani Argentieri*

O PIB da agropecuária apresentou uma elevação de 0,2% no segundo trimestre de 2014 em relação ao trimestre anterior e uma queda de 0,8% em relação ao segundo trimestre de 2013. A agropecuária foi o único setor que apresentou resultado positivo nesse trimestre. Já o setor de serviços apresentou uma queda de 0,5% ante ao trimestre anterior e de 0,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Esse resultado negativo foi puxado

principalmente pelos resultados ruins do Comércio (-2,19%) em relação ao primeiro trimestre de 2014.

Na Tabela 2, mostramos o resultado para o setor desagregado por atividades. Destaca-se positivamente o segmento de serviços de informação que cresceu 1,09% no segundo trimestre de 2014 em relação ao primeiro de 2014 e 3% em relação ao segundo trimestre de 2013.

Tabela 2 – crescimento do produto de segmentos selecionados

	2º trim/14 – 2º trim/13	2º trim/14 – 1º trim/14
Comércio	-2.24%	-2.19%
Transporte, armazenagem e correio	0.99%	0.01%
Serviços de informação	3.00%	1.09%
Intermediação financeira	2.36%	0.42%
Outros serviços	-1.51%	-0.80%
Atividades imobiliárias e aluguéis	1.53%	0.56%
Administração, saúde e educação públicas	1.38%	0.14%

Fonte: Sistema de Contas Nacionais/IBGE

Demanda

Já pela ótica da demanda, com os dados apresentados na Tabela 3, o destaque fica por conta das exportações que apresentou um crescimento de 2,8% em relação ao trimestre anterior, representando uma proporção de 12,49% do PIB. O consumo das famílias apresentou um aumento de 0,25% em relação ao trimestre anterior (e 1,65% em relação ao primeiro trimestre

de 2013). Pelo lado negativo, destaca-se a formação bruta de capital fixo, com uma queda de 5,31% em relação ao primeiro trimestre de 2014 e de 11,20% em relação ao segundo trimestre de 2013. Os investimentos apresentaram uma tendência de queda decorrente, em parte, de juros mais altos e pela menor confiança do empresariado, como podemos ver nos gráficos a seguir:



BOLETIM Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP*Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Lucas Mariani Argentieri***Tabela 3 – PIB pela ótica de despesa**

	2º trim/14 – 2º trim/13	2º trim/14 – 1º trim/14
Despesa de consumo das famílias	1.65%	0.25%
Despesa de consumo da administração pública	1.09%	-0.72%
Formação bruta de capital fixo	-11.20%	-5.31%
Exportação de bens e serviços	1.70%	2.80%
Importação de bens e serviços	-2.54%	-2.12%

Fonte: Sistema de Contas Nacionais/IBGE

De uma forma geral, o desempenho da economia medido como evolução do PIB apresentou queda maior do que as previsões do mercado. Apenas a agricultura apresentou um resultado positivo, apesar de aquém do esperado. A indústria continua com um fraco desempenho e em retração quando observamos a proporção de seu produto no PIB total. Já serviços, até então o setor mais dinâmico da economia brasileira, apresentou uma queda no trimestre que pode ser motivo de preocupação. Já pelo lado

da demanda vemos que a absorção interna continua crescendo mais do que o PIB, mas que o consumo das famílias apresenta resultados mais fracos. O investimento continua apresentando uma queda considerável puxado pelos juros mais altos e pela baixa confiança do empresário. A boa notícia vem do setor externo com um aumento das exportações de quase 3% acompanhado de uma queda de mais de 2% nas importações, o que diminui o déficit na balança comercial.